



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Classe trabalhadora e mundo do trabalho

O mito do empreendedor: desvendando uma ideologia do capitalismo contemporâneo

Ana Clara de Moraes Astolpho¹

Resumo: O artigo analisa o empreendedorismo como uma ideologia funcional à reprodução do capital na fase neoliberal, especialmente após a crise estrutural dos anos 1970. A partir da tradição marxista, argumenta-se que essa ideologia não é mera “falsa consciência”, mas uma forma de subjetivação enraizada nas condições materiais de precarização, desemprego e flexibilização do trabalho. O empreendedorismo, apresentado como alternativa à crise, mascara a retirada de direitos e individualiza a responsabilidade pela sobrevivência. Assim, longe de ser emancipatório, opera como mecanismo de hegemonia, convertendo a barbárie social em oportunidade e reforçando a adaptação da classe trabalhadora às exigências do capital.

Palavras-chave: ideologia; empreendedorismo; mundo do trabalho.

The myth of the entrepreneur: unveiling an ideology of contemporary capitalism

Abstract: The article analyzes entrepreneurship as an ideology functional to the reproduction of capital in the neoliberal phase, especially after the structural crisis of the 1970s. Drawing on the Marxist tradition, it argues that this ideology is not merely “false consciousness,” but a form of subjectivation rooted in material conditions of increasing precariousness, unemployment, and labor flexibilization. Entrepreneurship, presented as an alternative to crisis, masks the erosion of labor rights and individualizes responsibility for survival. Thus, far from being emancipatory, it operates as a mechanism of hegemony, transforming social barbarism into opportunity and reinforcing the working class’s adaptation to the demands of capital.

Keywords: ideology; entrepreneurship; world of work.

Introdução

O desmonte do pacto fordista/keynesiano e a crise estrutural do capital, deflagrada nos anos 1970, inauguraram uma nova etapa de reorganização do sistema produtivo e das formas de controle social. A reestruturação neoliberal que emergiu dessa conjuntura não apenas destruiu empregos estáveis, mas também intensificou a responsabilização dos indivíduos por sua sobrevivência, se comparado com o período anterior. Para explicitar a condição do trabalho que a classe trabalhadora tem sido submetida, Krein (2022) destaca quatro características principais: ausência de oportunidades de emprego, heterogeneidade² e precarização, flexibilidade e poder patronal e ampliação das desigualdades.

¹ Doutoranda em Serviço social e desenvolvimento regional pela UFF, mestre pelo mesmo programa e bacharel em ciências econômicas pela UFF. Email: aastolpho@id.uff.br.

² Crescente diversidade de formas de inserção laboral.

Nesse cenário, a classe trabalhadora, submetida à informalidade, à flexibilização e à ausência de políticas públicas robustas, foi compelida a buscar alternativas de reprodução da vida. O empreendedorismo, apresentado como expressão da liberdade individual e da criatividade, aparece, então, como uma promessa ilusória diante da barbárie social engendrada pelo próprio capital. Por isso, Guianze (2023) aponta que a figura do empreendedor, nos termos contemporâneo, é uma construção ideológica para mascarar a completa retirada de direitos trabalhistas (carteira assinada, salário mínimo, jornada de trabalho).

Assim, o empreendedorismo longe de representar uma saída emancipatória, expressa a adaptação subjetiva da classe trabalhadora às novas formas de exploração impostas pelo capital em crise. A adesão massiva ao discurso empreendedor resulta menos de uma escolha e mais de uma imposição histórica, na qual a barbárie neoliberal é travestida de oportunidade e o desespero é romantizado como criatividade e inovação individual.

O trabalho é composto por duas partes. Inicialmente, se explora e explicita a compreensão de ideologia na teoria marxista e marxiana. Posteriormente, desvela-se o empreendedorismo como uma ideologia extremamente útil para capitalismo contemporâneo.

Observações preliminares sobre ideologia a partir da tradição marxista

A compreensão da ideologia na tradição marxista é fundamental para desvendar os mecanismos pelos quais a dominação de classe se perpetua sob formas historicamente mutáveis. Desde Marx e Engels (2023), entende-se que as ideias dominantes de cada época são expressão das relações materiais dominantes, e que a ideologia não se limita à “falsa consciência”, mas é uma forma invertida de perceber a realidade social, enraizada nas contradições do próprio modo de produção capitalista. Assim, o estudo da ideologia não pode ser dissociado da análise das condições materiais que lhe dão origem.

A compreensão da categoria ideologia na tradição marxista encontra alguns conflitos e esvaziamentos desde os primeiros escritos de Marx que abordam o tema. Esses conflitos se encontram, principalmente, na interpretação esvaziada de ideologia que a coloca como “falsa consciência”, muito difundida no início do século XX.

O argumento mais explícito contra essa noção de ideologia como “falsa

consciência” é a pouca probabilidade de que massas inteiras de pessoas sustentem crenças totalmente absurdas por longos períodos. Eagleton (1997) explicita que doutrinas persistentes geralmente codificam, mesmo de forma mistificada, necessidades e desejos genuínos.

Devem ser “reais” o bastante para propiciar a base sobre a qual os indivíduos possam moldar uma identidade coerente, devem fornecer motivações sólidas para a ação efetiva e devem empenhar-se, o mínimo que seja, para explicar suas contradições e incoerências mais flagrantes. Em resumo, para terem êxito, as ideologias devem ser mais do que ilusões impostas e, a despeito de todas as suas inconsistências, devem comunicar a seus sujeitos uma versão da realidade social que seja real e reconhecível o bastante para não ser peremptoriamente rejeitada. (Eagleton, 1997, p. 42).

Konder (2002) destaca que, para Marx, a ideologia não é um simples erro de pensamento ou uma falha na lógica; é uma distorção necessária e funcional, produzida pelas contradições de um "mundo invertido". Ela não é apenas uma representação falsa, mas uma consciência invertida que emerge de uma realidade social ela mesma invertida.

Marx e Engels (2023), em “A Ideologia Alemã”, destacam que “A produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens” (p. 18), sendo, os próprios seres humanos condicionados por um determinado desenvolvimento das forças produtivas, responsáveis pela produção das ideias.

Segundo Konder (2002), em “A Ideologia Alemã”, Marx e Engels localizam a origem remota da ideologia na divisão social do trabalho, especificamente na cisão entre o trabalho material e o trabalho intelectual. A partir desse momento, a consciência pôde se iludir, imaginando-se autônoma. É nesse contexto que surge a famosa metáfora da "câmara escura"³, na qual as relações humanas e sociais aparecem "de cabeça para baixo". Para Marx, de acordo com Konder (2002), essa inversão não é um capricho da mente, mas um reflexo direto do processo histórico da vida de uma sociedade fragmentada. Nesta metáfora, não são apenas ideias que estão invertidas, é a própria relação entre a existência material e a consciência que aparece de cabeça para baixo.

Com o desenvolvimento da divisão do trabalho, separa-se o trabalho intelectual

³ “Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico.” (Marx, Engels, 2007, p. 94)

e trabalho material, possibilitando a consciência de “imaginar que é algo mais do que a consciência da prática existente” (p. 26). Esse processo intensifica-se em uma sociedade de classes, tendo uma classe dominante e outra oprimida, na qual os ideólogos passam a produzir consciência que legitime a dominação de classe. Por isso, para Marx e Engels (2023).

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de idéias, portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são a idéias de sua dominação. (Marx; Engels; 2023, p.48)

Por outro lado, já em “O Capital”, em função do amadurecimento de suas categorias e do desenvolvimento de sua Teoria do Valor, Marx, de acordo com Eagleton (1997), entende a ideologia como uma mistificação objetiva, inscrita na própria estrutura da sociedade capitalista, através do fetichismo da mercadoria, no qual as relações sociais entre as pessoas assumem a forma fantasmagórica de relações entre coisas. As implicações ideológicas do fetiche da mercadoria são, segundo Eagleton (1997):

Primeiro, os mecanismos reais da sociedade são, com isso, velados e obstruídos: o caráter social do trabalho é ocultado por trás da circulação de mercadorias, que não são mais reconhecíveis como produtos sociais. Segundo – embora este seja um ponto desenvolvido apenas pela tradição marxista posterior –, a sociedade é fragmentada por essa lógica da mercadoria: já não é fácil compreendê-la como uma totalidade, dadas as operações atomizantes da mercadoria, que transmutam a atividade coletiva do trabalho social em relações entre coisas mortas e distintas. [...] Finalmente, o fato de que a vida social é dominada por entidades inanimadas empresta-lhe um ar espúrio de naturalidade e inevitabilidade: a sociedade não é mais perceptível como construto humano e, portanto, como humanamente alterável. (Eagleton, 1997, p. 139-140)

Konder (2002), sobre esse amadurecimento de Marx, compreende que é a partir do fetichismo da mercadoria que a ideologia opera em um nível que transcende a intenção consciente, e onde se insere a célebre frase “*Sie wissen es nicht, aber sie tun es*” (“Não sabem o que estão fazendo, mas fazem-no”). O autor destaca que, em seu contexto original em *O Capital*, esta frase se refere especificamente aos produtores sob a lei do valor, e não à ideologia em geral. Contudo, sua aplicação à questão da ideologia tornou-se canônica por capturar com perfeição a natureza estrutural e inconsciente da prática

ideológica, na qual os significados sociais são produzidos "pelas costas" dos indivíduos.

Um expoente da literatura marxista que contribui para o desenvolvimento do debate sobre ideologia é Gramsci (1999). O autor, em seus escritos do cárcere, destaca que “é ideologia toda concepção particular dos grupos internos da classe que se propõem ajudar a resolver problemas imediatos e restritos” (Gramsci, 1999, p. 302). A partir disso, Liguori e Vozi (2017) destacam que, para Gramsci, o marxismo é uma ideologia, que se difere das outras ao não rechaçar as contradições, mas evidenciá-las e analisá-las. Porém, como ponto em comum com as outras ideologias tem “o fato de ter uma determinada utilidade para um grupo social” (p. 786). Além disso, Gramsci (*apud* Liguori; Vozi, 2017, p.787) enfatiza que “as forças materiais são o conteúdo e as ideologias a forma, distinção de forma e conteúdo meramente didática, porque as forças materiais não seriam concebíveis historicamente sem forma e as ideologias seriam caprichos individuais sem as forças materiais”.

Outra contribuição do autor italiano é a noção de “hegemonia”, definida por Chauí (1982) como a eficácia da ideologia. O termo exprime, de acordo com Chauí (1982), a capacidade da classe dominante de fazer com que suas ideias e valores sejam internalizados pelas classes dominadas.

Valentim, Peruzzo e Amaral (2022) destacam como para Gramsci

Ideologia e hegemonia são elementos centrais do Estado capitalista, categorias inseparáveis, organicamente articuladas, mas que não se confundem, já que a hegemonia é decorrente da afirmação de uma classe diante das demais; da afirmação de uma determinada ideologia. Assim, a hegemonia, no pensamento gramsciano, pressupõe a efetivação de uma ampla reforma intelectual e moral que resulte em uma nova racionalidade garantidora da dominação. Tal possibilidade é determinada pela capacidade de que uma classe fundamental, seja ela subalterna ou dominante, tenha de elaborar sua visão de mundo, de construir suas ideologias. (p. 264)

Para Gramsci (1999), é necessário que as classes subalternas destruam na luta política a hegemonia vigente e criem uma nova (p. 387), sendo a sociedade civil⁴ o terreno dessa disputa pela hegemonia (Liguori; Vozi, 2017, p. 723). Isso acontece, pois, em função das transformações do capitalismo no início do século XX, quando a sociedade civil passa a auxiliar a sociedade política (ambas compõem o que Gramsci chama de Estado Integral⁵) a manter a dominação hegemônica da burguesia. Tendo em

⁴ Por sociedade cível compreende-se que são as instituições que organizam a vida social, como igreja e escola.

⁵ “O conceito de Estado integral indica a relação de unidade-distinção que G. capta entre Estado e sociedade civil [...] A postura dialética de G. é respaldada pela convicção de que a “distinção entre

vista isso,

O aparelho hegemônico surge, portanto, como imediatamente fundamental para o exercício da hegemonia: sua desagregação é simultânea à crise desta. Tal conceito parece também ser o *trait d'union* entre o conceito de hegemonia e aquele, em via de formação, de “Estado integral” e oferece uma base material à concepção gramsciana de hegemonia, não assimilável a uma concepção idealista, culturalista ou liberal. (Liguori; Vozi, 2017, p. 76)

Nesse sentido, compreender o empreendedorismo como ideologia implica reconhecer que ele não se reduz a uma narrativa moral ou discursiva sobre sucesso individual, mas reflete e reforça as transformações estruturais do capitalismo em sua fase atual. Dessa maneira, a ideologia empreendedora consolida-se como um dos pilares da hegemonia neoliberal, naturalizando a precarização do trabalho, moldando subjetividades e convertendo a barbárie produzida pelo capitalismo em promessa de redenção individual

A ideologia empreendedorismo como alternativa à barbárie instalada

Tendo em vista o esboço da concepção marxista sobre ideologia, parte-se agora para os apontamentos acerca do empreendedorismo enquanto ideologia. Primeiramente, destaca-se que o empreendedorismo, especialmente sua versão difundida a partir do final do século XX, é uma expressão da ideologia burguesa fruto da própria realidade material em que se encontrava a sociabilidade do capital. Ou seja, a ideologia empreendedora ganha importância para a classe dominante, como meio de dominação, em decorrência da crise estrutural do capital dos anos 1970. Além disso, as próprias condições materiais da classe trabalhadora após a crise e os processos de modificação na forma do capital advindas com o neoliberalismo, tornam a ideologia empreendedora uma forma de alternativa imediata de gestão da precariedade.

Sobre isso, Leite e Lindoso (2021) são categóricos, ressaltando que

a difusão do “empreendedorismo” na atualidade tem a ver, de um lado, com o aumento da pobreza e da procura acentuada de alternativas de sobrevivência da população, no quadro de baixa oferta de empregos, e, de outro lado, com uma busca desenfreada do capital para não pagar mais os direitos trabalhistas (Leite; Lindoso; 2021p. 793)

De Jesus (2023) explicita que ao observar a situação em que se encontra o capitalismo contemporâneo, principalmente das economias dependentes, percebe que o

sociedade política e sociedade civil [...] é puramente metódica, não orgânica, e, na vida histórica concreta, sociedade política e sociedade civil são uma mesma coisa.” (Liguori; Vozi, 2017, p.517)

empreendedorismo, de fato, se constitui como ideologia, pois, em certa medida, expressa “as necessidades histórico e materiais de uma classe pauperizada, informalizada, terceirizada, uberizada, ao mesmo tempo em que faz parte de um projeto de sociedade dentro dos limites do capital e para sua reprodução com o menor custo possível” (De Jesus, 2023, p. 143).

Além disso, De Jesus (2023) identifica o empreendedorismo como uma “expressão da materialidade do mundo do trabalho contemporâneo” (p. 144), isto é, um trabalho formal cada vez mais precário e com a força de trabalho sendo paga cada vez menos. Por isso,

A construção de comportamento e ação empreendedora, começa na necessidade de sobrevivência mental, emocional e/ou física de trabalhadores e trabalhadoras, transcendendo os espaços delimitados de labor e se instalando nos âmbitos privados da cotidianidade dos sujeitos, fazendo com que o modo de ser e pensar da classe que vive do trabalho seja coerente as demandas do capital. (De Jesus, 2023, p. 144)

Essas proposições, podem ser evidenciadas a partir de alguns dados. Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) do IBGE, no Brasil, em 2024, o rendimento médio mensal domiciliar *per capita* foi de R\$ 2020. Contudo, de acordo com o Censo realizado pelo IBGE em 2022, mais um terço da população brasileira recebia até um salário mínimo, isto é, “35,3% dos trabalhadores do país recebiam um salário mínimo (R\$ 1.212) ou menos” (IBGE, 2025). É a partir dessa realidade que se o elevado índice de empreendedorismo no Brasil. De acordo com Alves (2023, p.121), 75% das iniciativas empreendedoras foram por falta de opções de trabalho ou da necessidade de complementar a renda”.

Logo, é a própria situação material da classe trabalhadora que abre espaço para a penetração da ideologia empreendedora, pois o que é transmitido para o/a trabalhador/a são as possibilidades que o empreendedorismo tem a oferecer, como mecanismo para melhora das condições de vida do trabalhador, não só financeiramente, mas proporcionando mais tempo livre e flexibilidade.

Por isso, Valeintim e Peruzzo (2017) destacam que o empreendedorismo é uma estratégia ideológica moderna oriunda das necessidades do capital. Nesse processo de metamorfose,

a ideologia empreendedora materializa os elementos centrais da flexibilização produtiva — o consentimento da classe trabalhadora no que se refere à ampliação do desemprego estrutural, da polivalência do

trabalhador e o apagamento dos conflitos de classe — transformando, aparentemente, as relações de trabalho em relações horizontais, entre iguais, cujo sentido é a elevação da mais valia a partir da intensificação da exploração da força de trabalho. (Valeintim; Peruzzo, 2017, p. 122)

O empreendedorismo, segundo Lima (2010) mistifica a situação da classe trabalhadora, pois todos são empreendedores/empresários e não mais trabalhadores/as, colocando relações distintas de trabalho em um mesmo nível, o de empreendedor. Por isso, a partir dessa lógica, consultores altamente qualificados e camelôs pertencem ao mesmo nicho dos empreendedores, apagando a processualidade das relações. É nesse sentido que compreendemos o empreendedorismo como um fetiche.

Amorim *at al* (2021) apontam que a admiração que os trabalhadores têm dos “trabalhadores empreendedores” é fruto de “mecanismos de persuasão e coerção presentes na produção da hegemonia, e de uma estrutura produtiva em que, à primeira vista, todos podem ser patrões” (p. 864). Conjuntamente, essa percepção distorcida da realidade é gestada pela própria sociedade capitalista como já destacado a cima, onde “as formas de consciência criam representações distorcidas, fetichizadas, [dado] a maneira pela qual as relações de produção são organizadas” (Amorim *at al*, 2021, p. 865).

Ademais, Leite e Lindôso (2021) descrevem o empreendedorismo como uma "ideia irmã gêmea" da meritocracia. Pois, ambas propagandeiam que o sucesso depende exclusivamente do esforço individual, partindo do pressuposto falacioso de que todos possuem as mesmas oportunidades. Os autores destacam que as duas ideologias partem

do princípio de que todos temos iguais oportunidades, independentemente do ambiente em que nascemos e das facilidades ou dificuldades que, em virtude desse background, enfrentamos na vida adulta, de forma que aqueles e aquelas que forem fortes e trabalharem com afinco vencerão. Com base nessa concepção, desenvolve-se a ideia de que, se todos/as partimos do mesmo patamar, todos/as temos a mesma oportunidade e podemos nos tornar grandes empreendedores/as, bastando, para tanto, trabalharmos hábil e vigorosamente. (Leite; Lindôso; 2021, p. 796)

Lima (2010) reflete sobre a transformação da “cultura do trabalho” no período contemporâneo do capitalismo. O autor define a "cultura do trabalho" como um sistema de significados compartilhados que moldam as atividades sociais no ambiente laboral. Sendo uma arena de conflito onde se enfrentam ideologias dominantes e contra-ideologias, formas de consentimento e de resistência. Porém, as últimas décadas, marcadas pela flexibilização e pelo neoliberalismo, reconfiguraram profundamente essa cultura como características extremamente funcionais ao capital.

Entre as características destacadas por Lima (2010) estão: declínio do projeto

coletivo, paradoxo da autonomia e hegemonia do mercado. O primeiro destaca que o projeto do trabalho coletivo como força de transformação social perdeu visibilidade, sendo substituído por alternativas de menor alcance, com forte ênfase na ação individual. O segundo se refere a principal mudança, que é a valorização da autonomia e do conhecimento do trabalhador, que, paradoxalmente, resulta em maior subordinação. E o último explicita que a nova “cultura do trabalho” é marcada pelos valores do capitalismo flexível, que promovem a individualização crescente e reestabelecem, tendo como um contraponto o curto período anterior da regulação keyneisina-fordista, o mercado como o principal regulador das relações sociais.

Segundo Dardort e Laval (2016, p. 149), o empreendedorismo é a ideologia encontrada pelo neoliberalismo para difusão de sua racionalidade, “a valorização do empreendedorismo e a ideia de que essa faculdade só pode se formar no meio mercantil são partes interessadas na redefinição do sujeito referencial da racionalidade neoliberal”. Assim, de acordo com os autores, a difusão da ideologia empreendedora, para a construção do homem-empresa neoliberal, aciona intensamente a educação e a imprensa para cumprirem esse papel.

Leite e Lindôso (2021) destacam que

se pode compreender a noção proposta pelo neoliberalismo de “empresário de si mesmo”, que carrega a ideia de que todos somos empresários de nós mesmos ao nos dedicarmos a tarefas que nos podem tornar vencedores, independentemente do vínculo de trabalho que tenhamos. Essas tarefas seriam o trabalho duro, o investimento em formação, o uso maior possível do tempo para as atividades econômicas (p. 799)

O neoliberalismo, de acordo com De Jesus (2023), com suas novas formas de gestão originadas no toyotismo, aprofundou as possibilidades de manipulação da subjetividade. Técnicas que auxiliam nessa manipulação com: a empresa deixa de ser apenas uma compradora de força de trabalho para se tornar “parte da vida”, uma “família” que potencializa desejos e oferece um futuro; o discurso corporativo normaliza e até valoriza o sofrimento e a frustração como etapas necessárias para o sucesso, transformando-os em ferramentas para aumentar o desempenho; o sucesso de líderes é apresentado como a materialização do futuro dos novos associados, incentivando a perseverança e a crença no projeto da empresa.

Diante desse conjunto de determinações, evidencia-se que o empreendedorismo, longe de constituir uma alternativa real à crise e à barbárie social, opera como um

mecanismo ideológico central à reprodução do capitalismo contemporâneo. Ao deslocar para o indivíduo a responsabilidade pela sobrevivência em um contexto de crescente precarização, essa ideologia oculta as determinações estruturais da exploração e contribui para a despolitização das relações de trabalho. Assim, ao mesmo tempo em que responde às necessidades imediatas da classe trabalhadora, o empreendedorismo reforça sua submissão às exigências do capital, conformando subjetividades ajustadas à lógica da acumulação. Nesse sentido, sua difusão não apenas expressa as transformações do mundo do trabalho, mas também atua ativamente na consolidação de uma nova forma de hegemonia, na qual a precariedade é naturalizada e a barbárie social é ressignificada como oportunidade individual.

Considerações finais

A partir do conjunto argumentativo desenvolvido, pode-se inferir que o empreendedorismo, longe de representar uma alternativa emancipatória frente à barbárie instaurada pela crise e suas consequências, constitui-se como um de seus desdobramentos ideológicos. A análise demonstrou que, sustentado por condições materiais concretas, como a precarização do trabalho, o empreendedorismo assume o papel de mediador entre as necessidades do capital e a ideologia penetrante na subjetividade da classe trabalhadora. Sob o véu da autonomia e da inovação, esconde-se a intensificação da exploração e a desregulamentação das relações de trabalho. Assim, a ideologia empreendedora opera como um poderoso mecanismo de hegemonia burguesa, capaz de converter a miséria em oportunidade, conformando sujeitos adaptados às exigências da reprodução do capital.

Portanto, o empreendedorismo enquanto ideologia não apenas reflete a lógica do capital em sua fase neoliberal, mas também a reproduz, internalizando-a no próprio modo de ser dos trabalhadores. O “empresário de si” emerge como figura paradigmática da subjetividade contemporânea, na qual a racionalidade mercantil permeia todas as esferas da vida social. Através da difusão desse ideal, instituições multilaterais, Estados e meios de comunicação consolidam um novo consenso, que atenua a crítica e desloca a luta de classes para o plano individual. Com isso, a promessa de superação da barbárie pelo empreendedorismo revela-se uma falácia: ao invés de construir alternativas, reforça o próprio sistema que gera a barbárie. A verdadeira superação dessa condição só pode

emergir da reconstrução de um projeto coletivo de classe, que confronte as bases materiais e ideológicas da dominação capitalista.

Referências

- ALVES, V. **Empreendedorismo como expressão ideológica: funcionalidades e formas de disseminação mediadas pelo Estado**. Dissertação (mestrado em Serviço social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.
- AMORIN, H; GUILHERME, G; MODA, F; PELEGRINI, J. **Empreendedorismo contemporâneo ou uma forma de mistificação das relações de classe**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, 2021.
- AMORIM, H; MODA, F; MEVIS, C. **Empreendedorismo: uma forma de americanismo contemporâneo?** Cadernos CHR, Salvador, 2021.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: editora brasiliense, 1982.
- DARDOT, P; LAVAL, C. **A Nova Razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- DE JESUS, N. **As praticas empreendedoras e constitutiva da vida bisness: ideologia e o novo sentido da precarização do trabalho**. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.
- EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 1979.
- GUIANZE, R. **Acabou o emprego! (ou como nascem os “empreendedores”) o caminho até a precarização do trabalho**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere – Volume 1: introdução aos estudos da filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.
- INSTITUT BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA – IBGE. Em 9,3% dos municípios do país, o rendimento médio do trabalho era inferior a um salário mínimo. **Agência De Notícias – IBGE**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44711-em-9-3-dos-municipios-do-pais-o-rendimento-medio-do-trabalho-era-inferior-a-um-salario-minimo>.
- KREIN, J. **Trabalho, emprego e renda: as condições de vida de trabalhadoras e trabalhadores no capitalismo contemporâneo**. Argumentum: Vitória, 2022.
- KONDER, L. **A questão ideológica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LEITE, M; LINDÔSO, R. **Empreendedorismo, neoliberalismo e pandemia. O**

desmascaramento de uma ideologia. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, 2021.

LIGUORI, G; VOZA, P. (Orgs.). **Dicionário gramsciano.** São Paulo: Boitempo, 2017.

LIMA, J. **Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho?** Sociologias, Porto Alegre, 2010.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023.

VALENTIM, E; PERUZZO, J. **A ideologia empreendedora: ocultamento da questão de classe e sua funcionalidade ao capital.** Temporalis, Brasília, n. 34, 2017.

VALENTIM, E; PERUZZO, J; AMARAL, A. **Ideologia empreendedora e hegemonia burguesa no Brasil: uma análise sobre o Sebrae.** Revista Práxis e Hegemonia Popular, Marília, v.7, n.11, 2022.